

Prezado(a) Candidato(a),

segundo a projeção do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população com mais de 60 anos deverá ultrapassar a marca de 64 milhões de pessoas em 2050, isto significa que este estrato populacional deverá chegar próximo a 30% da população do país. Essa realidade, se por um lado indica desenvolvimento, por outro mostra os desafios pelos quais atravessa e atravessará o país em setores como a saúde, a educação e a previdência. Nesta prova de redação, você escreverá sobre a implantação de políticas públicas para o envelhecimento da população brasileira, tomando por base seus conhecimentos sobre a temática, bem como os dois textos motivadores. Escolha UMA das propostas a seguir e componha seu texto.

Proposta 1:

Imagine a seguinte situação: você participa do jornal de sua escola e foi convidado para escrever um **artigo de opinião**, sobre “A urgência de políticas públicas para o envelhecimento da população brasileira”. O artigo de opinião deve apresentar fatos e argumentos sobre as políticas públicas necessárias para o amparo aos idosos no país. Redija seu texto de acordo com a norma culta da escrita de língua portuguesa.

Proposta 2:

A coordenação do Curso de Medicina, da Universidade Estadual do Ceará, está organizando a coletânea “Vivências com o idoso no Ceará: memórias com nossos avós”, como parte das comemorações dos seus 20 anos de fundação, e você, estudante da educação básica, vai concorrer com outros estudantes, para publicar seu texto. Para tal, você deve escrever uma **história**, em que você narra um momento muito feliz com seus avós. Atente para o uso da norma culta da escrita de língua portuguesa.

TEXTO I

Um país mais velho: o Brasil está preparado?

Era para ser o primeiro de uma sequência de dez anos em que se promoveria um conjunto de ações para melhorar a qualidade de vida das pessoas idosas. Mas a ‘Década do envelhecimento saudável’, estabelecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como o período de 2021 a 2030, começou com uma pandemia que atingiu em cheio as populações mais velhas e matou milhões de idosos em todo o mundo – no Brasil, pesquisa da Fiocruz mostrou que, em 2020, quando ainda não havia vacina disponível no país, 75% dos óbitos por Covid-19 foram de pessoas acima de 60 anos. Mais do que uma “ironia do destino”, como caracteriza Yeda Duarte, professora da Universidade de São Paulo (USP) e coordenadora do estudo Saúde, Bem-

estar e Envelhecimento (Sabe) no Brasil, a tragédia deve funcionar como um alerta. “Eu acho que a pandemia revelou as mazelas que a gente sempre teve e não queria enxergar. Porque a questão do envelhecimento como demanda de melhora de qualidade do acesso e criação de serviços específicos já está posta há décadas, só que ninguém quer ouvir”, resume Karla Giacomini, médica geriatra e presidente da Frente Nacional de Fortalecimento às Instituições de Longa Permanência, criada no contexto da pandemia.

De fato, já faz algum tempo que o envelhecimento da população brasileira se tornou um desafio para as políticas sociais e, particularmente, de saúde: afinal, esse é um dos muitos desdobramentos da transição demográfica, e consequente transição epidemiológica, que começou a ser percebida por aqui nos anos 1970 e se intensificou no final do século 20. De um país onde nascia muita gente, em que as pessoas morriam relativamente cedo, incluindo um grande número de crianças que sequer completavam um ano, o Brasil vem progressivamente experimentando a queda da taxa de natalidade, aumento da expectativa de vida e redução significativa da mortalidade infantil. As consequências dessas mudanças são várias e uma delas diz respeito ao desafio de garantir qualidade de vida para os cerca de 31 milhões de idosos que o país tem hoje, o equivalente a mais de 15% da população – para se ter uma ideia dessa transformação, em 2010 essa proporção era menos da metade, 7,3%.

A notícia é boa, mas não custa lembrar que, apesar de ser um indicador de desenvolvimento, esse processo acontece de forma muito desigual em todo o país. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que, em 2019, a expectativa de vida no Brasil atingiu 76,6 anos, mas a média da população dos estados mais pobres chega a ser 8,5 anos a menos do que nas regiões mais ricas. Em Santa Catarina, que ocupa o topo da longevidade, a expectativa de vida era de 79,9 anos, enquanto no Maranhão, que fica na outra ponta do ranking, ela cai para 71,4 anos. De acordo com Giacomini, esse abismo pode ser ainda maior no interior de uma mesma cidade: segundo ela, em Belo Horizonte (MG) há diferença de 12 anos na expectativa de vida entre a população que mora na regional periférica e na regional centro-sul. Em São Paulo, diz, entre a periferia e a zona nobre, essa distância pode chegar a duas décadas. E tudo isso sem contar elementos como cor e orientação sexual, que também afetam essas estatísticas. “Parte da população masculina negra jovem é privada da chance de envelhecer porque é dizimada pela violência urbana”, exemplifica.

Embora seja mais facilmente medida pela análise da expectativa de vida, essa mesma desigualdade social está presente quando se observa a qualidade do processo de envelhecimento daqueles que sobreviveram à morte prematura. “Não existe uma

velhice única, há velhices diferentes. E a gente sabe hoje que o código de endereçamento postal [CEP] onde uma pessoa vive determina muito mais o envelhecimento dela do que a própria bagagem genética”, explica Giacomini, que completa: “É muito importante que as pessoas reconheçam que envelhecer é o resultado do acesso ou da falta de acesso a direitos fundamentais”.

Disponível em:

<https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/um-pais-mais-velho-o-brasil-esta-preparado>. Texto adaptado.

TEXTO II

Becos da memória

Vó Rita era boa, gostava muito dela e de todos nós.

Eu me lembro de que ela vivia entre o esconder e o aparecer atrás do portão. Era um portão velho de madeira, entre o barraco e o barranco, com algumas tábuas já soltas, e que abria para um beco escuro. Era um ambiente sempre escuro, até nos dias de maior sol. Para mim, para muitos de nós, crianças e adultos, ela era um mistério, menos para Vó Rita. Vó Rita era a única que a conhecia toda. Vó Rita dormia emolada com ela. Nunca consegui ver plenamente o rosto dela. Às vezes, adivinhava a metade de sua face. Ficava na espreita, colocava a lata na fila da água ou punha a borracha na tina e permanecia quieta, como quem não quisesse nada. Ela aparecia para olhar o mundo. Ver as pessoas, escutar as vozes. E eu, de olhos abertos, pulava em cima (só os meus olhos).

Eu não atinava com o porquê da necessidade, do querer dela em ver o mundo ali à sua volta. Tudo era tão sem graça. Grandes mundos!... Uma bitaquinha que vendia pão, cigarro, cachaça e pedaços de rapadura. A bitaquinha era do filho dela. Ninguém gostava de comprar nada ali, o movimento era raro. Vendia também sabão, água sanitária e anil. E, fora a cachaça, estes eram os produtos que mais saíam.

Em frente da casa em que ela morava com Vó Rita, ficava uma torneira pública. A “torneira de cima”, pois no outro extremo a favela havia a “torneira de baixo”. Tinha, ainda, o “torneirão” e outras torneiras em pontos diversos. A “torneira de cima”, em relação à “torneira de baixo”, era melhor. Fornecia mais água e podíamos buscar ou lavar roupa quase o dia todo. Era possível se fazer ali o serviço mais rápido.

Hoje, a recordação daquele mundo me traz lágrimas aos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez! Como a vida acontecia simples e como tudo era e é complicado!

Havia as doces figuras tenebrosas. E havia o doce amor de Vó Rita. Quando eu soube, outro dia, já grande, já depois de tanto tempo, que Vó Rita dormia emolada com ela, foi que me voltou este desejo dolorido de escrever.

Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia emolada com ela, a ela que nunca

consegui ver plenamente, aos bêbados, aos malandros, às crianças que habitam os becos de minha memória.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*, 2. ed., p. 27-30.

O vestibular da Universidade Estadual do Ceará, em sua prova de redação da aplicação de 2023.2, trouxe como temática o debate a respeito da urgência de políticas públicas para o envelhecimento da população brasileira. Nos últimos anos, tem se acelerado esse processo, havendo projeções de que, até 2050, a população com mais de 60 anos deverá ultrapassar as 64 milhões de pessoas, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Apesar de ser reflexo do desenvolvimento nacional, esse crescimento acontece de forma bastante desigual em todo o país. Nesse sentido, torna-se relevante a discussão sobre a promoção de medidas visando ao envelhecimento saudável para todos, com a intenção de garantir a consolidação do direito à vida, cuja maior representação está no ato de envelhecer.

Como de costume, a prova de redação apresentou duas propostas, inseridas em contextos comunicativos reais de escrita. Para auxiliar no processo de construção textual dos candidatos, foram apresentados dois textos motivadores: o primeiro com informações pertinentes para a construção da argumentação do artigo de opinião solicitado na proposta 1; o segundo com um exemplo de texto narrativo, tipologia solicitada na proposta 2.

O primeiro texto, uma reportagem da Fundação Oswaldo Cruz, explicita o panorama dos desafios para a aplicação de políticas públicas voltadas ao processo de envelhecimento populacional. São apresentadas questões como a dificuldade de se garantir qualidade de vida a partir da criação de serviços de saúde para os cerca de 31 milhões de idosos que o Brasil tem hoje. Na reportagem, ressalta-se que essa dificuldade é intensificada pela desigualdade social, a qual está vinculada à localidade do cidadão, à sua cor e à sua orientação sexual, entre outros fatores. Nessa reflexão, destaca-se o fato de envelhecer estar atrelado ao acesso a direitos fundamentais, o que só será possível com a efetiva presença do Estado na garantia da qualidade do processo de envelhecimento.

No segundo texto, é apresentado um fragmento da obra “Becos da Memória”, de Conceição Evaristo, o qual relata vivências a partir da perspectiva de uma neta – a narradora. Apesar das intempéries retratadas durante a história, destaca-se o “doce amor de vó Rita”.

No que se refere às propostas de redação, a primeira está baseada na proposição de uma situação comunicativa em que um aluno foi convidado a escrever um artigo de opinião para o jornal de sua escola. Em seu texto, deve se posicionar acerca da urgência de políticas públicas para o envelhecimento da população brasileira, ressaltando quais são necessárias para o amparo aos idosos no país. O artigo de opinião é um gênero de cunho essencialmente argumentativo, em que se deve defender um ponto de vista com propriedade e informatividade a respeito de uma questão de relevância social. Como estrutura, o texto deve ser desenvolvido em introdução, em que se contextualiza a temática e se apresenta a tese; desenvolvimento, no qual se estabelecem as estratégias argumentativas que sustentarão o posicionamento; e conclusão, propondo-se um fechamento reflexivo do que foi abordado. No caso da temática da proposta, pode-se enfatizar a necessidade da atuação do Estado na garantia da qualidade do processo de envelhecimento, o qual envolve políticas de saúde, de educação, de trabalho, entre muitas outras. A adoção de tais medidas se faz essencial tendo em vista o crescimento da população idosa no cenário nacional e os desafios enfrentados por ela.

Já a segunda proposta de redação sugere a participação de um estudante na produção de um texto para a coletânea “Vivências com idoso no Ceará: memórias com nossos avós”, organizada pela Coordenação do Curso de Medicina da UECE. Para isso, o candidato deverá escrever uma história em que ele narre um momento feliz com seus avós. A fim de construir apropriada narração, seria necessário que o aluno atente aos elementos básicos da narrativa, como espaço, tempo, personagens e enredo. É necessário salientar que o texto narrativo não possui uma estrutura composicional determinada, porém deve ser pautado no desenvolvimento da narratividade (início, meio e fim da história). Além disso, o vestibulando precisa se colocar como o narrador-personagem (primeira pessoa) da história.

Por fim, é perceptível a validade e a atualidade do tema e dos gêneros textuais abordados na prova de redação deste certame, que buscou dar relevo ao processo de envelhecimento da população brasileira, o qual, por representar a garantia do mais básico direito humano, deve ser assegurado devidamente a todos.